

Seleção das variantes fonéticas das consoantes fricativas para o dicionário semibilíngue de aprendizagem do português brasileiro

Antônio Augusto Souza Mello¹

Resumo

Devido à grande variação fonética dos dialetos do português brasileiro, ao fazer as transcrições fonéticas das palavras de um dicionário monobilíngue, devemos tomar decisões. Não é possível colocar todas as variantes e por isso há de se estabelecer critérios para estas transcrições. Foram estabelecidos dois: 1) decisão pela variável mais presente no português brasileiro, 2) maior facilidade da pronúncia de sequências fonotáticas por parte dos aprendizes. Para estes critérios foram observados alunos (e colegas) de diversas partes do Brasil e testes com aprendizes de português brasileiro com alunos com oito distintas línguas maternas. Neste trabalho o enfoque é nas consoantes fricativas palatoalveolares e velares.

Palavras-chave: fricativas, aprendizagem do português, dicionário monobilíngue, distribuição geográfica, fonotática

Selection of phonetic variants of fricative consonants for the semi-lingual dictionary of learning of Brazilian Portuguese

Abstract

Due the great phonetic variation of the dialects of Brazilian Portuguese, we have to make decisions at the time of making the phonetic transcription of the words for a monobilingual dictionary. It is not possible to consider all the variations, so we have to establish certain criteria for the transcriptions. We have established two: 1) the most widespread in Brazilian dialects, 2) facility in the pronunciation of phonotactic sequences by the learners. For these criteria some students (and colleagues) from many parts of Brazil were observed, and tests were made with speakers with eight different mother languages. This work focuses the palatoalveolar and velar fricative consonants.

Key words: fricatives, Portuguese learning, monobilingual dictionary, geographical distribution, phonotactics

1. O Dicionário

Com o crescente número de estudantes de português como segunda língua, tanto no Brasil (estrangeiros, índios com suas línguas nativas como primeira língua, colônias de

¹ Antônio Augusto Souza Mello. Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor adjunto da Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Português, Línguas Clássicas e Vernácula. augmello@unb.br

alemães, italianos, poloneses etc.), a demanda por um dicionário monobilíngue de aprendizagem do português brasileiro se faz cada vez mais presente. Trata-se de um projeto que deve durar alguns anos realizado em co-autoria da professora Orlene Sabóia, também da Universidade de Brasília. Será confeccionado um dicionário com cerca de 3500 verbetes, selecionados com base na frequência em corpus da língua escrita. O dicionário monobilíngue é direcionado a estudantes de intermediário e avançado do português brasileiro. A idéia é que o estudante possa se contentar com a definição monolíngüe, e, em caso de não compreensão, consultar a tradução. Já existem alguns dicionários do inglês neste formato, e um do espanhol, o Señas (2008). Consideramos a transcrição fonética como parte essencial do verbete, e este trabalho ficou direcionado a mim.

2. Importância de conceitos básicos de fonética para um aprendiz de L2

Os materiais didáticos de português como segunda língua (L2) não têm dado a devida importância à fonética. No entanto, com apenas alguns conceitos desta disciplina e a familiarização com alguns símbolos fonéticos, o aprendiz pode praticar e assimilar com maior facilidade a pronúncia da língua estudada. Essa falha é agravada pelo fato de ainda não haver uma obra lexicográfica direcionada aos aprendizes, material complementar de grande relevância para a aprendizagem, em que constariam as transcrições fonéticas das palavras. Pretendemos com este dicionário tentar suprir um pouco desta falha.

3. Aspectos fonético-fonológicos:

Um conhecimento de fonética e fonologia sempre ajudará o professor a diagnosticar os principais problemas dos alunos quanto à pronúncia do português do Brasil. Para falantes de diferentes línguas aparecerão problemas e dificuldades diferentes. Quanto mais próxima a língua do português os problemas de interferência ficam mais evidentes. Ao comparar a fonética e fonologia da língua materna dos alunos com a fonética e fonologia do português do Brasil, dois aspectos devem ser trabalhados: as

incongruências dos quadros fonológicos e os diferentes alofones, e a parte que gera os maiores problemas de pronúncia, a fonotática, a combinação das unidades fonéticas. Pretendo nesta seção tratar exemplificar algumas dificuldades encontradas para falantes de crioulo jamaicano e do espanhol panamenho, e de certas facilidades dos falantes do crioulo jamaicano com relação a outros falantes de inglês, mas sem ser exaustivo. Um estudo mais aprofundado com mais dados das duas línguas seria necessário para um detalhamento melhor destes problemas. Esses problemas são relativos à experiência do autor como professor nesses dois países, justificando a transcrição fonética no dicionário a ser confeccionado e nas escolhas de variantes.

3.1 Incongruências nos quadros fonológicos

Apesar da grande proximidade do português com o espanhol, os quadros podem ser considerados mais incongruentes até do que a comparação dos quadros do português e inglês. Esta é uma das principais dificuldades dos falantes do espanhol de natureza fonético-fonológica no aprendizado de português brasileiro. Quanto às vogais, a diferença fonêmica entre as médias abertas e médias fechadas no português é um grande problema para os falantes de espanhol. Outra dificuldade é a grande presença de vogais nasalizadas e também haver vogais nasais fonêmicas, o que não ocorre nem no espanhol, nem no inglês.

Ainda para falantes de espanhol, existe dificuldade com algumas fricativas, principalmente das pronúncia das palatoalveolares, o primeiro som das palavras chuva e jaca. No espanhol, ocorre a africada alveopalatal como fonema, e portanto os falantes de espanhol confundem com facilidade sons razoavelmente próximos. Para falantes do inglês e crioulo jamaicano, há muitas incongruências, mas eu diria que gera menos dificuldades do que para os falantes de espanhol. No crioulo existe clara diferença entre as vogais médio fechadas e médio abertas, tanto anteriores quanto posteriores, o que favorece o entendimento do contraste entre estes dois sons que ocorrem no português brasileiro. No inglês, existe um maior número de vogais orais tanto no plano fonético quanto o fonológico. Adaptar-se a restringir o número de vogais é mais fácil do que adaptar-se a vogais diferentes das do seu sistema fonológico, e por esta razão há maior dificuldade dos falantes de espanhol no aprendizado das vogais do português brasileiro. Com relação às vogais nasais do português brasileiro, propostas em Pontes (1973), a

dificuldade está presente para os falantes das duas línguas trabalhadas, mas como há casos de nasalização regressiva que ocorrem no crioulo jamaicano, este aprendizado é menos difícil do que para os falantes de inglês em geral. É interessante notar que no Brasil os locais que receberam os maiores contingentes de escravos hoje falam dialetos do português que aplicam bem mais as regras de nasalização regressiva. O mesmo posso dizer do flap ou vibrante simples, que ocorre no crioulo jamaicano, e por isso os alunos têm maior facilidade com as vibrantes do português do que os outros falantes de inglês.

3.2 Fonotática

O aprendizado de uma quantidade pequena de sons distintos do português brasileiro para falantes de outras línguas, no caso das línguas dos estudantes em questão, o crioulo jamaicano e o inglês e o espanhol do Panamá, adicionar estes sons ao seu repertório é uma tarefa muito menos difícil do que aprender as combinações entre os fonemas do português, a fonotática.

Para os falantes de crioulo jamaicano e inglês, encontramos as dificuldades a seguir:

- Pronúncia dos ditongos nasais, como as sequências sonoras finais das palavras pão, mamão ou mãe, também. Esta é uma das principais dificuldades de falantes de outras línguas em geral ao aprender português brasileiro. Os falantes de crioulo jamaicano têm um pouco mais de facilidade com relação aos falantes de inglês em geral, também por ocorrer o fenômeno da nasalização regressiva também nesta língua, os falantes lidam mais fácil com nasalizações inesperadas.

- Dificuldade da nasalização automática da sequência vogal + consoante nasal. No português brasileiro, assim como no francês, a consoante nasal é totalmente absorvida pela vogal oral criando uma vogal nasal. Este tipo de fenômeno é de difícil captação pelos falantes de inglês, um pouco menos difícil pelos falantes do crioulo jamaicano.

- Encontros consonantais com “r” (vibrante simples alveolar vozeada). O inglês tem no lugar a aproximante retroflexa, e esta mudança é razoavelmente difícil para um falante de inglês como primeira língua, e um pouco menos difícil para o falante de crioulo jamaicano, já que ocorre taps como alofones em determinados contextos.

Para os falantes do espanhol do Panamá, encontramos as seguintes dificuldades com relação à fonotática:

- Sequência de fricativas palatoalveolares (primeiro fonema de chuva e jato) seguida de consoantes oclusivas ou nasais, como nas palavras “escola” e “pasma”. No Brasil, os dialetos do litoral e da Amazônia produzem esta sequência com pós alveolares, assim como em Portugal, enquanto o sul (a partir de São Paulo), parte de Minas Gerais e o centro oeste emitem as fricativas alveolares nesta posição. Para os falantes do espanhol do Panamá, esta sequência de acordo com a variável litorânea do Brasil era absolutamente impronunciável. Neste caso, mesmo que seja uma variedade diferente da do professor, não há qualquer problema, já que a outra variável é falada em outras partes do Brasil. É um bom momento para falar um pouco das variedades lingüísticas do português brasileiro, que necessariamente aparecerão em filmes com temática nordestina contrastando com filmes mais urbanos do Rio ou de São Paulo.

- Neutralização das vogais em posição pós tônica final. No português brasileiro, o alçamento da vogal em posição pós-tônica final já é uma mudança praticamente 100% consolidada, havendo exceções apenas em regiões fronteiriças com forte influência do espanhol. Assim, pronunciamos “tudo” como “tudu”, ou “bebe” como “bebi”. Esta mudança não ocorre no espanhol e assim é difícil para o falante aplicar esta regra de forma automática. Quando percebem, pronunciam a vogal alta de forma mais forte, diferente do “u” e “i” átonos do português, que se diferenciam foneticamente do “i” e “u” tônico pela intensidade da força expiratória. Com a quantidade que há de cognatos entre português e espanhol, este é o tipo de diferença fonética que sofre muito de interferência, e a proximidade entre as línguas é mais um problema do que uma facilidade. O mesmo pode ocorrer com as vogais pré-tônicas, mas como no Brasil a mudança não foi consolidada, os estudos sociolingüísticos apontam para aplicação de 30% a 80% de aplicação da regra de alçamento das vogais, os sulistas mais conservadores, e o Rio de Janeiro, Salvador e Recife (mais inovadores). Como existe ainda esta flutuação, não deve ser cobrado uma pronúncia exatamente como a do professor, já que outras são aceitas em outras regiões do Brasil.

- Nasalização automática das sequências vogal + consoante nasal. Já foi descrito este fenômeno na seção anterior. A mesma dificuldade dos falantes de inglês e crioulo

jamaicano se aplica aqui no espanhol do Panamá, as consoantes nasais pós vocálicas do espanhol continuam sendo pronunciadas, não fundiram-se com as vogais como no português brasileiro. A mesma dificuldade com nasalização é encontrada na emissão dos ditongos nasais, mas para a emissão desta sequência sonora os falantes de espanhol têm um pouco menor dificuldade do que os falantes de inglês.

4. Variação Fonética: tomada de decisões

Se colocássemos todas as variantes do português brasileiro teríamos que ter para cada palavra no mínimo cinco transcrições. Para o espaço dedicado à transcrição fonética não ficar tão carregado, teremos que fazer opções sobre determinadas variantes.

Seguiremos a seguinte metodologia, visando economia de espaço:

- Pretende-se expor as variações fonéticas no português brasileiro nos capítulos introdutórios do dicionário. Para as transcrições fonéticas presentes nos verbetes, temos de tomar algumas decisões por uma das variantes.
- Os principais critérios para as escolhas das variantes são:
 - Frequência (distribuição no Brasil: maior número de estados, população)
 - Facilidades e dificuldades fonéticas do aprendiz do português como L2. dificuldade de pronúncia de certas sequências de sons (fonotática). Trata-se de um critério que depende das experiências dos autores como professores de português como segunda língua. As línguas usadas nas tabelas de dificuldades fonotáticas correspondem as línguas dos alunos dos autores deste trabalho.

4. Variáveis fonéticas: Fricativas velares ou vibrante simples, fricativas alveolares ou palatoalveolares

Trataremos sobre a escolha entre as fricativas velares (desvozeada e vozeada) ou a vibrante simples alveolar vozeada (tap) e da escolha entre as fricativas alveolares (desvozeada e vozeada) ou as fricativas palatoalveolares correspondentes.

- 1) [x] ou [r], [ʁ] ou [r], também na posição de 2ª C de uma sílaba CVC. A variante [ʁ] só ocorre diante de consoantes vozeadas. Ex: [ˈmoxtɐ] ou [ˈmɔrtɐ], [ˈkaʁni] ou [ˈkarni].

2). [s] ou [ʃ] , [z] ou [ʒ] na posição de 2ª consoante de uma sílaba CVC. Ex: [ˈpastɐ] e [ˈpaʃtɐ], [ˈmezmʊ] e [ˈmeʒmʊ]. As primeiras ocorrem diante de consoantes desvozeadas, as segundas diante de consoantes vozeadas.

4.1 ('r's)

4.1.1 Frequência: distribuição geográfica das variáveis ('r's)

- 1. Presença de [x] e [ʁ], com variantes [h] e [ɦ]: DF, ES, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI, MA PA, AM, AC, RR (?), RO (?). No RJ e parte de MG ocorre as variantes glotais.
- 2. Presença de [r] (tap alveolar vozeado): SP (capital), PR, RS e SC.
- 3. Presença de [ɾ] (retroflexo): SP (interior e parte da capital), MG (sul e triângulo), GO, MT, MS, interior de PR e SC.
- 4. Presença de [r] (trill): pessoas mais velhas de SP, PR, SC e RS, parte fronteira do RS.

4.1.2 Facilidades na pronúncia dos ‘r’s velares e alveolares diante de uma consoante por falantes de oito diferentes línguas:

	Inglês	Espanhol	Francês	Italiano	Alemão	Holandês	Russo	Chinês
xC	-	-	+	-	+	+	+	+
rC	-	+	-	+	+	-	+	-

4.2 (‘s’s)

4.2.1 Frequência: distribuição geográfica das variáveis (‘s’s)

- 1. [s] e [z] (z/___Cvoz.): RS, SC (exceto litoral), PR, SP, GO, TO, MT, MS, DF, MG
- 2. [ʃ] e [ʒ] (ʒ/___Cvoz.): RJ, ES, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI, MA, PA, AM

4.2.2 Facilidades na pronúncia dos ‘s’s alveolares e palatoalveolares diante de uma consoante por falantes de oito diferentes línguas:

	Inglês	Espanhol	Francês	Italiano	Alemão	Holandês	Russo	Chinês
--	--------	----------	---------	----------	--------	----------	-------	--------

_s,zC	+	+	+	+	-	+	-	+
_ʃ,ʒC	-	-	-	-	+	-	+	-

5. Decisões/Conclusões

- 1) Usar nas transcrições as variantes velares [x] e [χ]:
 - a) Presença maior no português brasileiro.
 - b) Divisão praticamente equitativa de línguas com facilidade de pronúncia nas sequências sonoras estudadas.
- 2) Usar nas transcrições as variantes alveolares [s] e [z]:
 - a) Divisão populacional menos clara, sem presença de uma grande maioria. Cisão quase ½ a ½
 - b) Maior facilidade por aprendizes de português como L2 com as sequências sonoras envolvendo as alveolares para a maior parte das línguas estudadas (somente os falantes de russo e alemão não têm problemas com as sequências sonoras envolvendo as consoantes palatoalveolares).

Bibliografia

- PONTES, E. (1973). “Análise Fonêmica”, cap. 1 de *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Ed Vozes. Petrópolis.
- SILVA, T. (2001). *Fonética e Fonologia do Português*. Ed Contexto. São Paulo.

- MELLO, Antônio A.S. (2012). “Dois Leitorados na América Central e Caribe: Dificuldades e Facilidades encontradas no Ensino do Português Brasileiro como Segunda Língua”. *Anais do III SIMELP*. Macau.
- SEÑAS, *Diccionario para La Enseñanza de La Lengua Espanhola para Brasileiros* (2008). Volume Único. Ed. Martins Fontes.